

## **APRENDIZAGENS DA E NA EXTENSÃO DA PUC MINAS: múltiplas interações e interdependências**

Ev'Angela Batista Rodrigues Barros\*

### **RESUMO**

Neste artigo, busca-se apresentar e discutir, norteados pelas concepções e diretrizes da Política de Extensão Nacional e os documentos parametrizadores da Extensão da PUC Minas, os resultados destacados em 27 relatórios analíticos de trabalho dos Núcleos Temáticos, Assessorias e Coordenadorias integrantes da Rede PROEX de Extensão, em seus diversos *campi* e unidades. Circunscrevendo-nos à última década (2006/2015), buscou-se avaliar em que medida (e de que forma) a institucionalização da Extensão na Universidade vem ressoando nos diversos agentes que interagem no cotidiano desta instituição – atuando nos âmbitos indissociáveis do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. A partir dos Planos de Ação Integrados (PAI), cada Núcleo temático, Coordenação Setorial, Instituto e Curso foi instado a fazer o relatório ao final de 2015, avaliando criticamente o que foi possível realizar integral ou parcialmente, bem como as causas e condicionantes desse desempenho. A análise de diferentes materiais (relatórios produzidos por docentes das diversas instâncias constitutivas da Rede) permitiu cernir a Extensão que temos (pontos positivos e dificuldades) e a que queremos construir (projeções e desafios), evidenciando pontos nodais (como uma postura integradora da ação dos agentes envolvidos, o investimento num sistema mais acurado de monitoramento e de registro dos projetos, de melhoria da comunicação entre todos os atores/setores, de consolidação de parcerias com as demais Pró-reitorias – de Graduação e de Pesquisa e Pós-graduação, de busca de maior interlocução com os parceiros que oferecem campos de inserção dos graduandos, entre outros), que se consagram como prioridades a serem perseguidas nos próximos anos.

*\* Doutora em Letras  
pela UFMG. Docente da  
PUC Minas.*

Palavras-chave: Extensão Universitária. Rede Proex. Institucionalização da Extensão.

## ABSTRACT

In this chapter, we aim to present and discuss, leadby the concepts and guidelines of the National Extension Policy and other guiding documents on PUC Minas Extension, the results highlighted in 27 analytical reports of the work of Thematic Groups, consultants and Coordination members of PROEX Network Extension, in its various campuses and units. Circumscribing in the last decade (2006/2015), we sought to assess what extent (and how) the institutionalization of the University Extension is echoing in the various agents that interact in the institution routine - acting in the inseparable issues – Education fields, Research and Extension. From the Plan of Integrated Action (PAI), each Thematic Group, Sector Coordination Institute and Course were asked to make the report to the end of 2015, critically evaluating what was possible to perform fully or partially, as well as the aspects that caused and conditioned that performance. The analysis of different materials (reports produced by professors of the various constituent parts of the network) allowed to show this scenario of the extension we have (strengths and difficulties) and the one we want to build (projections and challenges), showing nodal points (as an integrative approach of the action of the agents involved, investment in a more accurate system of monitoring and recording of projects, improving communication between all actors / sectors, of consolidating partnerships with other pro-rectories - Graduation and Research and Post-graduation Studies, searching for a greater dialogue with partners that offer the graduation entry fields, among others), which is set as a priority to be pursued in the coming years.

Keywords: University Extension. Proex network. Institutionalization of Extension.

## 1 INTRODUÇÃO

Para Pascal (apud MORIN, 2003, p.21), todas as coisas são “causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas elas mantidas por um elo natural e insensível, que interliga as mais distantes e as mais diferentes”; desta forma, considerando o imbricamento dos diversos âmbitos da realidade em que se inscreve a universidade brasileira, discutiremos o percurso de normatização da Extensão, considerando os documentos nacionais parametrizadores da Extensão e da universidade cujo percurso aqui se evidencia: o Plano Nacional de Extensão<sup>1</sup>, a Política de Extensão Universitária<sup>2</sup>, o Regulamento da Pró-reitoria de Extensão(2014), trazendo à discussão concepções e diretrizes que têm norteado todas as práticas.

Abrangendo o espectro da Extensão – de modalidades já consagradas de interlocução com a comunidade acadêmica (programas, projetos, cursos, eventos, etc.), até as práticas extensionistas curriculares mais recentes, os relatórios recobrem as diversas temáticas a que se dedica a Pró-reitoria de Extensão (PROEX), em seus seis Núcleos (Trabalho; Investigação da Criança e do Adolescente e Educação; Tecnologia e Informática; Direitos Humanos e Inclusão; Políticas Sociais e Urbanas; Meio Ambiente e Saúde), cada um com sua *expertise*, que atuam visando à promoção de ações que concorram para a formação dos graduandos das diversas áreas e cursos.

A universidade, por excelência o *locus* da produção e disseminação de saberes e conhecimentos, de procedências e naturezas diversas e heterogêneas, alicerça sua atuação sobre a tríade do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, contudo, historicamente, os dois primeiros têm sido prevalentes em seu funcionamento. Contrariamente à hierarquização dos saberes, Morin (2003) afirma que “grande parte das atividades

---

<sup>1</sup> Veja-se o Plano Nacional de Extensão na íntegra em <http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>. Acesso: 02 abr. 2016.

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre o assunto, ler as diretrizes (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2016)

sociais, como o próprio desenvolvimento da ciência, exige homens capazes de um ângulo de visão muito mais amplo e, ao mesmo tempo, de um enfoque dos problemas em profundidade, além de novos progressos que transgridam as fronteiras históricas das disciplinas”.(MORIN, 2003, p.9)

Essa especialização tem sido comprometida com o agravamento da crise institucional das últimas décadas e a crescente expansão e mercantilização do ensino nas universidades privadas. Sobre a crise, Santos (2008) afirma que

Ao deixar de ser a única instituição no domínio do ensino superior e na produção de pesquisa, a universidade entrou numa crise de hegemonia. A segunda crise era a crise de legitimidade provocada pelo facto de a universidade ter deixado de ser uma instituição consensual em face da contradição entre a hierarquização dos saberes especializados através das restrições do acesso e da credenciação das competências, por um lado, e as exigências sociais e políticas da democratização da universidade e da reivindicação da igualdade de oportunidades para os filhos das classes populares, por outro. Finalmente, a crise institucional resultava da contradição entre a reivindicação da autonomia na definição dos valores e objectivos da universidade e a pressão crescente para submeter esta última a critérios de eficácia e de produtividade de natureza empresarial ou de responsabilidade social. (SANTOS, 2008, p.14)

Contrariamente a esse paradigma materialista, nota-se a revalorização dos estudos humanístico, afeitos à ruptura com a visão estanque dos objetos teóricos e da distinção hierárquica entre conhecimento científico / vulgar. Ao discurso cientificista vigente, calcado em concepção “neoliberalizante” das relações acadêmicas (focada em produtividade, competitividade, avaliações nos moldes empresariais), opõe-se importante contradiscurso: a função precípua, de formar o indivíduo para a vida pessoal, social e acadêmica, exige da Universidade investimento em ações qualificadas das suas três atividades-fim. Para Corrêa, isso reafirma a extensão como processo acadêmico e justifica o adjetivo universitária:

a princípio, nenhuma ação de extensão pode estar desvinculada do processo de formação e da geração de conhecimento: a participação do aluno nas atividades de extensão será mandatária, parte essencial de sua formação

técnica e cidadã. Da mesma forma, são indissociáveis da extensão a investigação e a difusão de novos conhecimentos e o avanço conceitual. (CORRÊA, 2003, p. 4)

A mudança na percepção do papel da universidade contemporânea, numa sociedade cada vez mais complexa<sup>3</sup>, fortalece este novo paradigma a guiar o ensino acadêmico, com a consolidação de áreas das Ciências Humanas e Sociais, abrindo espaço à interdisciplinaridade; as relações sociais, por serem “tecidas junto”, se dão por meio de múltiplas interações e interdependências.

Nesse cenário, a Extensão se destaca como espaço legitimador do papel social que deve cumprir a universidade no alcance (e manutenção) de uma sociedade mais democrática e menos desigual. Ela é fonte da resposta mais atual ao dilema: ao romper com a hierarquização de saberes de forma estanque, desvinculando-os “das premências do cotidiano” da comunidade para a qual se volta, constitui-se num dos principais canais de renovação e reassunção da legitimidade da universidade frente à produção e disseminação de saberes. Nesse sentido, cabem as palavras de Wanderley Chieppe Felipe transcritas a seguir:

Através da Extensão o aluno se situa melhor em relação à profissão. Ele consegue perceber com mais clareza em qual sociedade ela vai atuar, em qual contexto, quais são os problemas que essa sociedade, a região e o país apresentam e de que forma ele pode contribuir melhor. [...] A Extensão cria oportunidades para o aluno ter mais iniciativa, fazer uma leitura crítica da realidade e poder desenvolver uma série de competências e habilidades, como por exemplo, sua capacidade de empreendedorismo, sua capacidade de buscar soluções para situações que se apresentam, de estabelecer relações com mais facilidade e de coordenar equipes. Então, são todas essas características que a Extensão ajuda a desenvolver. Além disso, também é importante para a formação de cidadania, porque o aluno se integra mais na sociedade e começa a perceber qual é o seu papel nessa sociedade como profissional e como estudante universitário [...]. Uma pesquisa recente feita pelo prof. Manoel Neto no programa de doutorado mostrou que o aluno que passa pela Extensão na universidade entra mais

<sup>3</sup> Sobre o que seria complexidade, vale citar Morin: “A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. (MORIN, 2006, apud SANTOS; HAMMERSCHMIDT, 2012, p.564)

rapidamente e em melhores condições no mercado de trabalho.<sup>4</sup>

Se grande destaque pode ser dado ao impacto positivo à formação dos discentes, não menos singular e relevante é o que se opera com os docentes que se dedicam à Extensão. Ao lidar com a problemática extramuros, em interlocução privilegiada com os graduandos e os beneficiários dos projetos e programas, a partilha entre os pesquisadores e a comunidade torna-se a própria razão de ser de sua atuação, com sensíveis mudanças no olhar que este passa a lançar ao ensino.

Santos (2008) salienta que um dos fatores cruciais que respalda o cenário atual reside nas

transformações na produção do conhecimento, com a transição, em curso, do conhecimento universitário convencional para o conhecimento pluriversitário, transdisciplinar, contextualizado, interativo, produzido, distribuído e consumido com base nas novas tecnologias de comunicação e informação que alteraram as relações entre conhecimento e informação, por um lado, e formação e cidadania, por outro (SANTOS, 2008, p.49).

Para ele, “numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente)” (SANTOS, 2008, p.60). Essa nova ordem, calcada na crença de que conhecimentos locais são índices de conhecimentos globais, prenes de valor e significado, é um dos maiores imperativos em favor do contínuo fortalecimento da Extensão.

E esse cenário, de consolidação do valor da Extensão, nos obriga a constante avaliação da qualidade das ações e, conseqüentemente, das aprendizagens nelas construídas. Segundo Nascimento et al. (2015), da Coordenação e Monitoramento da PROEX, é preciso ter bem clara a relevância de se monitorar e avaliar a extensão universitária, compreendendo-se os seus efeitos e impactos. O grande volume de conhecimentos produzidos pode constituir-se em “alternativas para

---

<sup>4</sup> Depoimento de Wanderley ChieppeFelippe, pró-reitor de Extensão, gravado em vídeo para o Encontro de Extensionistas Egressos da PUC Minas em 18 de setembro de 2016.

transformação da realidade social brasileira e construção de novas metodologias e tecnologias sociais que devem ter seus resultados efetivamente avaliados” (NASCIMENTO et al., 2015, p. 7). E afirmam:

Avaliar a extensão universitária implica, também, conhecer o impacto de seus projetos e programas para dentro da própria universidade, no sentido de entender qual a transformação ela produz em seus processos de ensino, de produção do conhecimento, na formação cidadã dos docentes e discentes. É uma avaliação que tem três etapas epistemológica e metodologicamente articuladas: dentro – fora – dentro, numa relação absolutamente dialética, dialógica e participativa. Por isso, a avaliação da extensão universitária tem que ser capaz de extrapolar os aspectos formais da avaliação, sendo criativa, participativa e incorporando-a aos métodos e modelos as dimensões que conferem especificidade ao fazer acadêmica da extensão universitária: a utopia, a comunicação e o afeto (NASCIMENTO et al., 2015, p.8).

É objetivo deste artigo evidenciar nuances do processo de institucionalização da Extensão na PUC Minas, refletir sobre como, em decorrência, vimos construindo mecanismos de monitoração e avaliação dos projetos, programas e práticas de Extensão, bem como discutir alguns dos inúmeros desafios que se nos apresentam. Como “todo conhecimento é local e global”, a reflexão aqui apresentada poderá ser relevante a outros profissionais que refletem sobre a Extensão como dimensão constituída e constituinte da formação para todos os seus agentes.

## **2 DESENVOLVIMENTO: REVISITANDO ALGUMAS CONCEPÇÕES**

### **2.1 A Extensão e seus impactos na formação docente e discente**

A partir da década de 1980, com o ressurgimento de movimentos sociais, cujas aspirações encontraram acolhida na Constituição Federal de 1988, como importante ator social, a universidade participou desse projeto democrático, assegurando que os brasileiros tivessem acesso a direitos constitucionais e sua garantia. Nesse contexto, a Extensão surge, em suas diversas modalidades, simultaneamente com as dimensões

“redentora”, emancipadora e assistencialista, papel ressignificado a partir da constituição do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das IES Públicas: em 1987, redemocratizado o País, ela se consolida como “processo educativo, cultural e científico, que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade”.

A partir do reconhecimento da Extensão enquanto atividade-fim e acadêmica pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) na avaliação das Instituições de Ensino Superior (IES), a dimensão integrativa e os impactos formativos passam a ser respaldados, devendo ficar bem claros no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) tanto a concepção de Extensão com que opera a instituição quanto a articulação com as demais atividades-fim e o compromisso com a estruturação e efetivação das atividades de extensão.

Assim se explica o atual cenário da Extensão, de busca da institucionalização de suas práticas, demandando mudanças internas da política da universidade e alterações administrativas e acadêmicas. Conforme a PEU salienta, “um esforço nacional vem ocorrendo para que a extensão universitária seja reconhecida como integrante do fazer acadêmico, ao lado do ensino e da pesquisa, inserida nos projetos pedagógicos dos cursos e formalizada institucionalmente”. (PEU, 2006, p.11-12). O aprimoramento das diretrizes e a reorganização dos diversos setores componentes da Rede PROEX favorece a construção de novos processos, controles, procedimentos, objetivos e metas, refletindo real exercício de aproximação entre os diversos cursos, unidades, faculdades e institutos.

A vivência de diferentes práticas, efetivadas em múltiplos espaços, com a inter-relação entre os diversos protagonistas que nela atuam, em seus contextos reais de existência, torna a Extensão incubadora de novos projetos de intervenção, fomenta (e alimenta) a pesquisa, abre margem a nova visão de aprendizagem e integração com o meio ambiente (local e global). Além dos diversos conteúdos curricularizados, a existência de outros saberes, de cunho popular, é assumida e estes podem adquirir maior visibilidade. Nesse processo de

democratização do conhecimento produzido, ela se consolida “como um dos meios que permite ampliar os canais de interlocução com os segmentos externos à universidade” e, simultaneamente, “o contato com a sociedade retroalimenta o ensino e a pesquisa e a própria extensão, contribuindo para o desenvolvimento de novos conhecimentos científicos.” (PEU, 2006, p.17).

Segundo Saraiva (2007 apud FERNANDES et al., 2012), a Extensão possibilita ao acadêmico

a experiência de vivências significativas que lhe proporcionam reflexões acerca das grandes questões da atualidade e, com base na experiência e nos conhecimentos produzidos e acumulados, o desenvolvimento de uma formação compromissada com as necessidades nacionais, regionais e locais, considerando-se a realidade brasileira. (SARAIVA 2007 apud FERNANDES et al., 2012, p.171).

Conforme o documento do Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (2010), o vértice da tríade fundante da *universitas*, em que se verifica maior proximidade na relação academia/sociedade é, sem dúvida, o que envolve a extensão universitária, que se assume na perspectiva de um processo educativo, eminentemente interdisciplinar, lastreado nos aspectos cultural, científico e político, com objetivo de promover a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX, 2010)<sup>5</sup>.

Oliveira (2004) interpela o valor da Extensão tomada como projeto social: “Conseguirá fazer a síntese entre o fazer e o saber ou, mesmo fora dos muros a Universidade permanecerá encastelada em seus

---

<sup>5</sup> “Na relação entre Extensão e Pesquisa, abrem-se múltiplas possibilidades de articulação entre a Universidade e a sociedade. Visando à produção de conhecimento, a Extensão Universitária sustenta-se principalmente em metodologias participativas, no formato investigação-ação (ou pesquisa-ação), que priorizam métodos de análise inovadores, a participação dos atores sociais e o diálogo, de forma a apreender saberes e práticas ainda não sistematizados, aproximar-se dos valores e princípios que orientam as comunidades e, assim, contribuir para sua transformação em direção à justiça, solidariedade e democracia. Para tanto, é preciso que os envolvidos na ação tenham clareza dos problemas sociais sobre os quais pretendem atuar, do sentido e dos fins dessa atuação, do ‘arsenal’ analítico, teórico e conceitual a ser utilizado, das atividades a serem desenvolvidas e, por fim, da metodologia de avaliação dos resultados (ou produtos) da ação e, sempre que possível, de seus impactos sociais. (FORPROEX, 2012).

saberes acadêmicos? Ou irá simplesmente servir-se desta comunidade, com parca ou nenhuma devolução?” (OLIVEIRA, 2004). Entendemos que se servir da comunidade (e não servir a ela) descaracteriza a ação como extensionista. Portanto, as funções da universidade são a produção do conhecimento e a formação de recursos humanos qualificados, e estas “não se consubstanciam no vácuo, mas em relação com a sociedade; ambas, sociedade e universidade, constituindo-se permanentemente nesta relação”. (OLIVEIRA, 2004)

O “arejamento” propiciado ao ambiente acadêmico fomenta a revisão periódica dos currículos, como forma de realinhar e subsidiar crescente interlocução entre sociedade e universidade, e promover contínua ressignificação desta instituição. Os benefícios para a universidade e a sociedade a partir da ação extensionista são contundentes – formação acadêmica, humana, social e política dos seus atores, com relevantes retornos à aprendizagem dos envolvidos; fornecimento de subsídios às políticas públicas, por meio do auxílio à comunidade para resolução de problemas práticos; atuação em situações de exclusão – não como substituta do Estado, que não pode se omitir –, mas como parceira credenciada a ajudar a encontrar soluções.

## **2.2 Princípios da política de extensão universitária da PUC Minas**

A Extensão universitária na PUC Minas encontra respaldo no art.3º do Plano Nacional de Extensão (PNExt), que traz as diretrizes primordiais para se compreender a forma visceral com que a Extensão permeia toda a vida acadêmica: produção de conhecimento a serviço da sociedade, do fomento a políticas públicas capazes de gerar desenvolvimento humano, econômico e social, etc.

Tendo como norte o humanismo, em consonância com sua missão confessional, a PUC Minas tem inscrita, nos projetos pedagógicos de todos os cursos, a concepção da produção de conhecimentos e da compreensão dos problemas sociais como forma de se pôr a serviço da formação e da dignidade humana, seguindo os princípios da crença na igualdade, na liberdade, no protagonismo dos agentes, na pluralidade, na

solidariedade (e intercompreensão) e na justiça (PEU, 2006, p.18). Tais princípios guiam as ações e constituem parâmetros para a submissão e aprovação de projetos e programas de Extensão, respaldando-lhes a execução, o monitoramento e avaliação.

As diversas modalidades de Extensão concretizam e intensificam a relação dialógica entre a universidade e a sociedade e, internamente, entre os departamentos, institutos, faculdades, cursos, grupos de pesquisadores e outros setores dos diversos *campi* e unidades; democratizam o conhecimento acadêmico e estimulam a participação da comunidade universitária na produção e registro do conhecimento gerado através das atividades de Extensão, reiterando sua contribuição, enquanto prática – acadêmica, sociocultural, política –, nos projetos pedagógicos dos cursos; aprimoram os vínculos entre os eixos basilares, representados por suas pró-reitorias (de Graduação, de Pesquisa e de Extensão): os programas e projetos construídos com base em critérios científicos, tecnológicos e em experiências comunitárias, reiteram a natural interdisciplinaridade destas ações. Curricularizar as práticas de Extensão, atribuindo-lhes creditação nos Projetos Pedagógicos, valida sua relevância para a formação do graduando, consolidando a cultura emergente de avaliação da Extensão e permitindo a criação de indicadores e instrumentos para avaliação da própria universidade.

Essa mudança de práticas e de posturas reflete o trabalho de aproximação e reconhecimento das estruturas da Rede, pelas coordenações dos cursos, Núcleos temáticos, Coordenadorias e Assessorias (administrativa e pedagógica) da PROEX. Cada segmento tem-se norteado pelas diretrizes da construção de uma Extensão inclusiva, interdisciplinar, dialógica, que põe em interlocução a universidade e a sociedade; subsumida pela relação com o ensino e a pesquisa; produtora e disseminadora de conhecimentos advindos da comunidade acadêmica; problematizadora de questões sociais, às quais pretende (cor)responder, como forma de melhorar a qualidade de vida da população, em especial local e regional; formadora, nas dimensões técnica e ética, geradora do compromisso com uma sociedade mais justa e fraterna.

### 2.3. A Extensão que temos: o que mostra a análise dos relatórios?

As ações extensionistas da Rede PROEX, descritas no Plano de Ação Integrada (PAI), compreendem a formação por meio de cursos, projetos, programas; a realização de eventos, como a Mostra (1º semestre) e o Seminário de Extensão (2º semestre), os Seminários dos diversos institutos, ao longo do ano, bem como as atividades de gestão pertinentes a cada coordenação, considerando as formas e dimensões do relacionamento com o ambiente externo. Todas essas integram o conjunto de ações desempenhadas pelos envolvidos na condução da Política de Extensão.

Ao final do ano, cada setor produz seu relatório analítico, em que se devem avaliar, a partir da execução do PAI, os tópicos destacados: a consolidação da Rede PROEX, as parcerias, a formação em Extensão, as atividades de gestão dos Núcleos – indicando-lhes os pontos fortes, as fragilidades, as dificuldades enfrentadas ao longo de 2015, e, por fim os desafios a serem enfrentados em 2016, tratados de forma sintética, não exaustiva, mas de forma a iluminar o cenário obtido a partir da leitura e análise dos 27 relatórios analíticos.

Destacaram-se positivamente os seguintes aspectos, no que tange ao *relacionamento entre os atores da Rede PROEX*:

- a) potencialização do relacionamento pela adoção de estratégias diferenciadas de aproximação e corresponsabilização, conforme o perfil de cada instância e das funções interativas dos professores: sensibilização, conscientização e mobilização junto aos coordenadores de cursos, com a interveniência das diretorias dos departamentos, cursos, institutos, os diretores de graduação e de unidade;
- b) a participação ativa da Coordenadora Setorial de Cursos de Extensão, dos coordenadores de Núcleos, de Pesquisa e de Extensão dos cursos de vários departamentos permitiu o compartilhamento e a integração de atividades; tem havido maior envolvimento dos coordenadores de Extensão dos Institutos, o

- que possibilitou maior alinhamento das ações propostas;
- c) a elaboração e execução de um calendário para a construção dos projetos e programas de extensão aprovados no Edital Ministério da Educação (MEC)/PROEXT propiciou maior amplitude de participação;
  - d) intensificação da adesão de número significativo de membros da comunidade acadêmica em suas atividades, consolidando de forma efetiva a Extensão nos *campi*. A interação entre alunos de diversos cursos e a mobilização da comunidade (adesão externa) no espaço da universidade também se intensificaram;
  - e) o fortalecimento institucional por meio da interdisciplinaridade (envolvendo Ensino e Extensão) tem sido otimizado pela qualidade dos eventos realizados, especialmente o Seminário de Extensão;
  - f) a aproximação com a PROGRAD foi intensificada através da participação no Fórum Acadêmico, na análise das propostas de Novos Projetos Pedagógicos de Cursos de Graduação, através de discussões virtuais, pelo Sistema de Gestão de Projetos Pedagógicos, (GPP).
  - g) o aprimoramento das diretrizes da Política de Extensão, bem como a reorganização dos diversos atores da Rede PROEX evidencia cenário de expansão e consolidação das ações;
  - h) o envolvimento dos Programas de Pós-graduação para construção de agenda positiva de trabalho tem-se amadurecido; a interface tem sido mais palpável (o trabalho extensionista como objeto de pesquisa, em suas fases de diagnóstico (pesquisa-ação), de intervenções, de avaliação);
  - i) a participação dos diversos atores, de forma democrática, em atividades e ações integradas da PROEX/PUC Minas (planejamento, execução e avaliação);
  - j) o recebimento de apoio institucional às práticas curriculares de Extensão tem fomentado novas modalidades de extensão integradas, de forma permanente ou não, às atividades de ensino previstas no plano pedagógico dos cursos;

- k) o crescimento do número de discentes que se interessaram pelos trabalhos de Extensão em monitoria voluntária é notório.

O que os relatórios evidenciam é que, internamente, o planejamento (Plano de Ação Integrado) permitiu, mais que prospectar ações, pensar sobre quem somos, quem queremos ser e quais ferramentas temos para consolidar nossos ideais. Promoveu articulação entre professores, alunos e lideranças comunitárias, responsáveis por equipamentos públicos e organizações sociais (em especial no X Seminário de Extensão). Possibilitou a aproximação com os cursos, principalmente por meio das coordenações de Extensão, tendo as atividades e ações conjuntas, ocorrido de modo orgânico e fluido.

Ainda, houve fortalecimento e perceptível atuação e influência política promovida pelos desenvolvimentos dos projetos aprovados, como reforço à atuação institucional da PROEX no município e região, de acordo com os objetivos traçados por cada uma das iniciativas. A aproximação com a Pró-reitoria de Graduação garantiu uma legitimidade para as práticas de Extensão e esse apoio se tornou bastante crucial para a curricularização destas práticas, já que a utilização do sistema de Gestão das Práticas de Extensão (GDEX), como ferramenta auxiliar no registro, monitoramento e acompanhamento das práticas curriculares, tem sido um dos grandes desafios da PROEX.

Sobre as *parcerias*, consideradas estratégicas, os diversos Núcleos buscam ampliar seu escopo de atuação por meio de convênios com instituições parceiras – a título de exemplificação, o Núcleo de Tecnologia e Inovação (NUTEI) participa como representante da PROEX no plano de trabalho do Termo de Cooperação Técnica com a *ChildFund*, celebrado com o Instituto de Ciências Exatas e Informática e a mantenedora da Universidade. Apesar dos complexos trâmites internos, novas frentes têm sido abertas; o Núcleo de Investigação da Criança e do Adolescente (ICA) finalizou mais um diagnóstico da situação da criança e do adolescente – neste caso, no município de Nova Lima, da Rede Metropolitana de Belo Horizonte –, enquanto outro, o Núcleo do Trabalho (NUTRA) se encontra envolvido com a elaboração de

indicadores de gestão de preços para a Prefeitura de Belo Horizonte.

De modo geral, os atores da Rede PROEX demonstraram que tem havido estreitamento de parcerias com a sociedade civil, com outras universidades (projetos de Extensão em interface com Pesquisa) e com universidades estrangeiras, como a de Valencia (Espanha).

Quanto ao item *formação em Extensão*, a Coordenação Setorial responsável apontou o ganho com o processo unificado de formação e seleção de extensionistas, o que permitiu maior amplitude de atuação (formação desenvolvida ao longo do ano em diferentes modalidades e formatos), contando com a parceria das coordenações de extensão de institutos e faculdade e de cursos. Além disso, a mobilização para o Seminário anual tem fomentado a disseminação da Extensão e provocado adesão dos diferentes partícipes.

Ponto nevrálgico da configuração da PROEX, a divisão por Núcleos temáticos revela, nos relatórios, avanços e desafios. Do âmbito das *atividades de gestão dos Núcleos*, salientam-se as dificuldades de acompanhamento e monitoramento dos projetos nucleados (aprovados em Edital, com fomento), devido à ausência da possibilidade de se trabalhar fisicamente, em conjunto, com os coordenadores dos projetos (há vários *campi* e unidades em que os projetos se desenvolvem). Na interlocução dos Núcleos com as coordenações de Extensão dos institutos e faculdade, tem havido maior interatividade e colaboração, conquanto ainda persistam dificuldades para a construção de agenda de ação integrada (ex. de aproveitamento dos eventos de cada curso para divulgação da Extensão e promoção de ações formativas).

Alguns Núcleos, dada a sua *expertise*, que lhes confere uma identidade, gostariam de desenvolver atividades que transcendessem apenas as ações de gestão da extensão universitária. Quanto à articulação interna, reconhecem a necessidade de maior integração e sinergia entre suas formas de atuação. As reuniões mensais do Colegiado (Pró-reitor, Assessoria e Coordenações – de Núcleos e Setoriais) e a inserção de demandas coletivas têm construído uma dinâmica mais integradora do trabalho desses atores.

No que tange às *dificuldades enfrentadas*, podem-se citar:

- a) Planejamento: a cada ano, dois Núcleos são responsáveis diretamente pelo planejamento, realização e avaliação do Seminário de Extensão. Trata-se de tarefa relevante, que demanda articular diferentes instâncias, mobilizar contingente sempre maior de atores e consome tempo de trabalho. Alguns coordenadores destacaram o fato de que foram oferecidas orientações de padrões, diretrizes, procedimentos relativos à Política de Extensão e fluxos de trabalho por meio de reuniões e encontros, mas isso ainda não assegura a plena implementação (demandam cartilhas, outros materiais informativos).
- b) Execução: o alcance parcial dos objetivos de gestão, pois cada Núcleo sente ainda a necessidade de sensibilizar alguns atores relevantes dos respectivos Institutos; o cenário econômico atual, de inflação, torna necessário o remanejamento de verbas entre rubricas do projeto, a priorização de certas ações e otimização de gastos.
- c) Monitoramento e avaliação: é preciso ampliar a mobilização dos coordenadores de extensão dos Institutos e Faculdades no que tange ao desempenho e fortalecimento de seus papéis para a regulamentação e registro fidedigno e confiável das práticas curriculares de extensão; apesar do avanço na produção de instrumentos adequados para registrar e monitorar as diversas atividades de extensão, são necessários refinamentos (produção de indicadores); os professores desejam retorno claro sobre os relatórios preenchidos; há demanda por equilíbrio na divisão do tempo gasto para realização das atividades de gestão, a fim de terem possibilidade de investir na produção acadêmica sobre a extensão universitária, algo que possivelmente atrairia docentes ainda desmotivados (ou pouco afeitos) em relação à Extensão.

Considerando-se os obstáculos e a mobilização necessária para superá-los, muitos foram *os desafios* elencados. O que se evidencia, por meio dos relatórios, bem como no Diagnóstico da Extensão e no Plano Estratégico passa pela necessidade de se estabelecer (e consolidar) uma

rede de fluxos e processos relacionados às práticas de Extensão e que adquiram capilaridade, atingindo aos professores, alunos e demais agentes.

Além da aproximação com a Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD), faz-se urgente o estreitamento dos vínculos com a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PROPPg), para potencializar as ações de Extensão em interface com a pesquisa. O alcance desse objetivo se refletirá positivamente na melhora da produção científica e acadêmica de toda a PROEX.

O aspecto mais indicado nos relatórios, porém, diz respeito à implantação e aprimoramento do sistema GDEx (em fase de testes), nos moldes do Sistema de Gestão Acadêmica (SGA), o que possibilitará credenciar as práticas disciplinares, os cursos, eventos e demais atividades da Extensão. Com a implantação no GDEx das disciplinas de práticas extensionistas em todos os cursos dos *campi* (para o que tem havido discussões e oficinas em todos os cursos), tem-se investido na disseminação de uma forma de registro sistemática e padronizada das práticas curriculares de extensão, *on-line*, com o objetivo de eliminar os registros impressos. Também vem suscitando, em efeito cascata, a revisão dos Projetos Pedagógicos dos cursos, visando à inclusão de práticas curriculares de extensão.

Apontaram-se, ainda, diversos tópicos a que a PROEX deverá atender nos próximos anos, o que encontra respaldo no seu Plano Estratégico da Extensão (PEEx) em vigor, como a elaboração do portfólio de cursos de extensão dos Núcleos temáticos e consequente captação de demandas na comunidade externa; a aproximação junto ao setor de RH, a fim de se construir alternativas a questões relacionadas à ampliação da oferta dos cursos de extensão a discentes da graduação, da especialização e dos programas *stricto sensu*, na condição de docentes; a formatação de um calendário mais factível, sem superposição de eventos, evitando esvaziamentos; atenuação das falhas da/na comunicação – no envio de toda sorte de comunicações (informações, prazos, devolutivas, cobranças, etc.). O aprimoramento da comunicação com os núcleos e demais agentes da Rede, entre outros. Na condição de desafios, tudo isso

nos move à melhoria dos processos.

Mobilizar parceiros internos e externos à PUC Minas, com a finalidade de construir uma rede de cooperação em extensão, bem como criar condições de tornar nosso aluno indutor do seu próprio conhecimento, engajado com demandas sociais, dentro da especificidade de cada área de conhecimento é desafio premente. Em relação à consolidação da “rede”, temos buscado aperfeiçoar a maneira de coletar, organizar e analisar dados alusivos ao perfil/quantitativo dos participantes nas formações em Extensão, para retornarmos aos setores e cursos tais dados processados; conseqüentemente, precisamos investir na criação de uma cultura de publicação dos bons produtos da Extensão também merece destaque, do ponto de vista dos atores da Rede PROEX. Corrêa afirma:

Uma atuação de impacto e transformadora da universidade demanda que a abordagem dos problemas da comunidade seja feita segundo visão abrangente da realidade social na qual está inserida, relacionando a particularidade desses problemas à complexidade das relações socioeconômicas e políticas. Ademais, não deve ser substitutiva à responsabilidade de ação dos gestores de políticas públicas e das organizações sociais, mas parceira contratual. Possivelmente, a extensão deve superar a cultura de projetos pontuais e desarticulados, não vinculados a programas, de pequena contribuição conceitual ou de pouca contribuição à transformação e à inclusão social". (CORRÊA, 2003, p.4)

Como bem atesta um dos coordenadores, “futuros desafios demandam de nós uma busca de equilíbrio entre “formas e conteúdos” que se embasem na ética transdisciplinar, ou seja, na atitude de renúncia a toda ação que abandona o diálogo e o debate, entre todos os campos de saberes”. Ou como afirma outro, “a construção de um saber compartilhado, precisa ser um estandarte para nós da PROEX sem, com isto, nos conduzirmos a uma ‘fórmula’, mas à conscientização de nosso papel na universidade”.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Institucionalmente, o fortalecimento da Extensão é processual, com a introdução de novas modalidades de extensão integradas, de forma

permanente ou não, às atividades de ensino previstas no plano pedagógico dos cursos. A caracterização desse fenômeno pode ser vista pela implantação de atividade permanente de extensão na disciplina, visando a capacitação de TODOS os alunos, desde o primeiro período do curso, sobre os aspectos da atividade extensionista, compreendendo todas as suas modalidades, além de trabalho estruturado, com previsão permanente de horas e pontuação na disciplina, ou seja, já integrado à dinâmica das disciplinas previstas no plano pedagógico.

Nesse sentido, os relatórios analisados trazem desafios e dificuldades, que vêm embasando o realinhamento de condutas, de mecanismos de controle e confirmação das devolutivas demandadas pelas “células” que compõem a Rede PROEX, bem como de identificação e mapeamento de formas de otimizar o processo de comunicação interna em consonância com a organização funcional da nova configuração da PROEX.

Nogueira (2000, p.119, apud OLIVEIRA, 2004) afirma que “a intervenção na realidade não visa levar a universidade a substituir funções de responsabilidade do Estado, mas sim produzir saberes tanto científicos e tecnológicos quanto artísticos e filosóficos, tornando-os acessíveis à população, [...]” Assim, cabe à Universidade constituir-se em espaço de reflexão acerca das diferentes realidades e, dentro desse processo, respaldar o papel do Estado e de sua operacionalidade, por meio das políticas públicas.

Toda esta ação precisa ser acompanhada de perto pelos diversos atores da Rede PROEX – coordenadores, docentes, agentes técnico-administrativos –, criando e estreitando laços entre as realidades concretas extramuros, como instrumentos para fomento de aprendizagens para todos os graduandos e pós-graduandos extensionistas; fomentando a produção de pesquisas e outros trabalhos acadêmicos que engajem os participantes numa *práxis* extensionista – da ação/reflexão/nova ação, mais qualificada. Este (re)fazer / (re)pensar, cíclico e dialético, deve ter na Universidade a fonte e o alvo, como forma de arejar práticas, ensejar formações continuadas, oxigenar currículos e, enfim, formar “pluriversitários” – cidadãos não só capacitados para o local, mas

prehes do global que lhes permita agir mais concertadamente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Plano Nacional de Educação. Câmara dos Deputados, Congresso Nacional, Brasília, 2000. PNE 2011-2020. Disponível em: <http://pdi.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2011/09/Plano-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-2011-2020.pdf>.

BRASIL. Plano Nacional de Extensão Universitária– PNExt. Brasília: MEC, 1999. Disponível em: <<http://pdi.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2011/09/Plano-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-2011-2020.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2017.

CORRÊA, Edison José. Extensão universitária, política institucional e inclusão social. **Jornal da Universidade**, São João del Rey, 2003. p.4.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS Política Nacional de Extensão Universitária. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, RS: UFRGS, 2012. (Coleção Extensão Universitária; v. 7).

MACHADO, Nilson José. **Educação: seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: IEA, 1998. Disponível em: <[www.iea.usp.br/observatorios/educacao](http://www.iea.usp.br/observatorios/educacao)>. Acesso em: 25 maio 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 8. ed. 2003.

NASCIMENTO, Marcos Roberto et al. (Coord.). Avaliação da PROEX. **Relatório de atividades 2015**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2015.

OLIVEIRA, Claudia Hochheim. Qual é o papel da extensão universitária? Algumas reflexões acerca da relação entre universidade, políticas públicas e sociedade área temática de gestão da extensão.: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 12 a 15 set.2004.

PEREIRA, Marcus Abilio; CARVALHO, Ernani. **Boaventura de Sousa Santos: por uma nova gramática do político e do social**. São Paulo: Lua Nova, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452008000100002>. Acesso em: 05 abr. 2016.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Resolução nº 2/2015. Aprova o Regulamento da Pró-Reitoria de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Processo CONSUNI nº 02/2015). Belo Horizonte: PUC Minas, 2016. Disponível em: <[http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_AR](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_AR)>

QUI20151009142046.pdf>. Acesso em: 02 out. 2017.

SANTOS, Silvana Costa; HAMMERSCHIDT, Karina Silveira de Almeida. A complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. **Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília**, DF, v. 65, n. 4, p. 561-565, jul./ago. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma universidade nova**. Coimbra: Boaventura de Sousa Santos, 2008. Disponível em: <<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media>>. Acesso em: 02 out. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, Aug. 1988. Availablefrom: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=en&nrm=iso)>. Access on: 12 Apr. 2016.

SÍVERES, Luiz. **Universidade: torre ou sino?** Brasília: Universa, 2006. 246 p.